

AMEAÇAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCAÇÃO ABERTA NA REVOLUÇÃO DIGITAL

Maria Nascimento Cunha*¹

RESUMO: Num mundo em acentuada transformação motivada pelas tecnologias digitais, a educação encontra-se perante uma mudança de paradigma que expõe vulnerabilidades e ameaças dos modelos de Educação Aberta face à tendência de mercantilização. A revolução digital coloca desafios mas também abre oportunidades sem precedentes para a democratização, a acessibilidade e a massificação. O processo de renovação das universidades abertas tem de manter o referencial da incorporação profunda da inovação pedagógica e tecnológica, sustentada na investigação, e procurar novas estratégias de organização e definição de qualidade para garantir a sua relevância e liderança na prossecução da massificação da educação superior.

PALAVRAS CHAVE: universidades abertas, pedagogia, revolução digital.

ABSTRACT: *In a world in sharp transformation driven by digital technologies, education is facing a paradigm shift that exposes vulnerabilities and threats of Open Education models in the face of the trend of commodification. The digital revolution poses challenges but also opens up unprecedented opportunities for democratization, accessibility and massification. The process of renewal of open universities has to maintain the referential of the profound incorporation of pedagogical and technological innovation, based on research, and seek new strategies of organization and definition of quality to guarantee its relevance and leadership in the pursuit of the massification of higher education.*

KEYWORDS: *open universities, pedagogy, digital revolution.*

INTRODUÇÃO

Com o advento da Internet, verificamos uma transformação profunda na forma como comunicamos e produzimos, nomeadamente, no seio da academia. A revolução digital favoreceu a democratização do acesso à informação. A possibilidade de criar e partilhar o conhecimento expande-se a cada dia. Contudo, com o intuito de captar novos públicos, os agentes educativos têm vindo a diversificar a sua oferta, disponibilizando cursos na modalidade a distância e conjugando os ambientes virtuais de aprendizagem com o regime

*¹ Docente no departamento de Ciências Empresariais do ISMAI.

AMEAÇAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCAÇÃO ABERTA NA REVOLUÇÃO DIGITAL

presencial, recorrendo cada vez mais a cursos Online Aberto e Massivo, do inglês Massive Open Online Course (MOOC). Esta tendência veio colocar novos desafios e a necessidade de diferenciação da identidade da Universidade Aberta (UAb). Assiste-se a uma competição entre Instituições de Ensino Superior (IES) convencionais, que equivocam os conceitos de aprendizagem aberta, aprendizagem online e a distância e distorcem a sua aplicação. Os públicos-alvo destes cursos são específicos e bem estruturados, e geralmente procuram na educação superior certificada uma solução para as suas ambições profissionais e pessoais. Contudo, a mercantilização da educação prolifera, e as ameaças para a acessibilidade e equidade são sentidas a nível mundial. Esta expansão necessita duma grande contribuição das modalidades a distância e da Educação Aberta. Neste desafio global do ensino superior, as universidades abertas podem ser o veículo nuclear da expansão, especialmente face aos desafios de sustentabilidade definidos pela Organização das Nações Unidas.

As universidades abertas tornaram a aprendizagem ao longo da vida respeitável pela primeira vez no ensino superior, mudando a mentalidade acerca das oportunidades de acesso ao ensino superior. As universidades abertas também inovaram através da utilização de tecnologias, primeiro com os meios de difusão clássica como rádio televisão, e desde há 30 anos com os desafios e as oportunidades da revolução digital. Outro aspeto importante do pioneirismo das universidades abertas foi a inovação da logística educativa, com oferta de serviços pedagógicos em escala, com eficiência e qualidade. A logística educativa foi de facto uma disciplina criada pelas universidades abertas. A escala foi outra característica importante das universidades abertas. O seu objetivo de oferecer oportunidades educativas ao máximo número possível de estudantes implica crescimento e ampliação contínua dos serviços e capacidades. Esta atitude contribuiu para modificar a mentalidade do ensino superior.

O trabalho encontra-se assim estruturado: primeiro abordaremos a revolução digital e as trajetórias das universidades abertas, de seguida abordar-se-ão as tecnologias emergentes na Educação a Distância; no ponto três fazemos uma breve apresentação da nova geração pedagógica da educação digital; no ponto quatro serão abordadas as ameaças da revolução digital para a educação aberta; e no ponto cinco apontam-se os desafios, oportunidades e estratégias para atingir o sucesso da expansão e acessibilidade da educação superior que norteiam a missão das universidades abertas.

1. A REVOLUÇÃO DIGITAL E AS TRAJETÓRIAS DAS UNIVERSIDADES ABERTAS

A revolução digital, juntamente com vastas mudanças estruturais no ensino superior, levaram à erosão das vantagens de pioneirismo e liderança de que as universidades abertas usufruíram na Educação a Distância durante os seus primeiros 25 anos de existência (Tait, 2018). As ameaças e desafios criados pelo cenário atual demonstram várias fraquezas inerentes à consolidação institucional dos modelos parcialmente estagnados e complacentes. Estas

ameaças colocam não só em questão a capacidade das universidades abertas contribuírem para os objetivos de sustentabilidade da ONU, mas também em alguns casos a sua própria sobrevivência. Para fazer frente a estes desafios são necessárias transformações profundas que cultivem uma cultura de incorporação profunda da inovação e liderança. A questão é: o modelo institucional que foi inovador e está em ação há 50 anos, é adequado para o futuro?

A Open University (OU) do Reino Unido, mãe de todas as universidades abertas, assinala 50 anos de existência em 2019, e embora haja motivos de celebração, existe também razões para preocupação (Tait, 2019). O número de estudantes tem diminuído, cerca de 33% desde 2010. Esta redução provoca um stress severo na instituição, com perda de recursos humanos e económicos, e coloca-a numa situação insustentável. O número de estudantes estabilizou atualmente, mas o público-alvo acima dos 50 anos que procurava na OU UK oportunidades de desenvolvimento pessoal, desapareceu, e esta deixou de cumprir o seu papel de aprendizagem ao longo da vida. Na Europa, este modelo também sofre escrutínio governamental. Quatro das universidades abertas europeias estão sob a ameaça de encerramento. Contudo, nem tudo são más notícias pois duas das universidades abertas europeias registam crescimento vigoroso. O panorama é misto e é necessário refletir sobre este modelo de forma cética e inquisidora. O que ainda é válido neste modelo, face às mudanças registadas no ambiente de ensino actual? É um modelo adequado ao próximo período? Para responder a estas perguntas é necessária mais investigação sobre políticas e estratégias de EaD (Tait, 2019). Nesta senda, é necessário repensar o conceito de Educação Aberta, que tem vários elementos constituintes em rápido desenvolvimento, como os Recursos Educacionais Abertos (REA), as Práticas Educacionais Abertas (PEA), os Massive Open Online Course (MOOC), e a incorporação de qualificações não formais nas IES (Instituições de Ensino Superior). É também necessário analisar as correntes emergentes de aprendizagem informal à margem das instituições e incorporá-las em currículos inovadores, colaborativos e mais centrados no estudante, e repensar as estruturas dos cursos conferentes de grau, cuja pouca flexibilidade e duração marginaliza uma grande parte da aprendizagem ao longo da vida.

Tendo como ponto de partida a filosofia e o *modus operandi* expressos nas missões das Universidades Abertas, identificam-se diversas ameaças e as fraquezas dos modelos atuais, mas salientam-se também grandes valências e virtudes que se podem constituir em forças decisivas e motores de equidade e acessibilidade na massificação do ensino superior. O Modelo Pedagógico Virtual da UAb assenta em quatro pilares: Aprendizagem centrada no estudante; Flexibilidade; Interação; Inclusão Digital (Pereira et al., 2007). O Modelo Pedagógico Virtual da UAb (Pereira et al., 2007), vai de encontro ao modelo que Garrison, Anderson e Archer (2000) propuseram inicialmente. O modelo assume que a aprendizagem ocorre na comunidade, através da interação dos três componentes nucleares interligados, e baseia-se no paradigma construtivista. Os princípios construtivistas defendem o foco no estudante e a crença de que toda a informação e aprendizagem são conceptualizadas através de experiências e interações no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), pois o contexto social afeta substancialmente a natureza das atividades pedagógicas e os seus resultados. Uma das principais

AMEAÇAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCAÇÃO ABERTA NA REVOLUÇÃO DIGITAL

preocupações do construtivismo é a forma como o estudante interage com o seu ambiente. Na Comunidade de Investigação (Cdi), a comunidade é representada pelos estudantes e pelos professores que participam no AVA. A investigação (*inquiry*) representa o processo através do qual os estudantes obtêm novo conhecimento e compreensão do currículo. Para a construção do novo conhecimento, os elementos da comunidade têm de atuar e interagir mediante as suas presenças sociais, cognitivas e de ensino.

Este modelo surgiu e foi possibilitado pelas tecnologias que emergiram com a revolução digital. No presente caracterizado por muitos como a entrada da era pós-digital, existem alguns pilares que se mantêm como fios condutores de coerência desde o início da educação aberta a distância. Contudo, existem também diversas tendências salientes que irão moldar o futuro do setor, várias delas já com tradução e aplicabilidade em pedagogias e tecnologias existentes. As linhas mestras transversais à mudança acelerada do paradigma atual reúnem-se nos conceitos de Abertura, Diversidade, Flexibilidade, Personalização, Qualidade e Autenticação e terão inevitavelmente de se sustentar nos pilares da Investigação e da Inovação Pedagógica e Tecnológica. As tecnologias usadas para a aprendizagem são cada vez mais baratas e distribuídas, e são progressivamente mais controladas pelos estudantes (Dron & Anderson, 2016). A evolução do eLearning desde a definição dos Cenários de Edimburgo (Bell, Martin & Clarke, 2004) evidencia que não existirá um único futuro uniforme para este campo. Distinguidos em quatro categorias, estes cenários foram desenhados de forma a serem neutros relativamente às tecnologias digitais empregues e, passados 15 anos, reafirma-se o seu carácter preditivo e exatidão. Os cenários referidos são os seguintes:

- *Virtually vanilla* – tecnologias de eLearning controladas por grandes empresas e instituições;
- *Back to the future* – um movimento de regresso aos valores tradicionais e ao ensino presencial, promovido pela perda de confiança no eLearning;
- *Web of confidence* – a Web oferece às pessoas novas formas de aprendizagem e trabalho colaborativos, levando à descentralização e a uma deslocação do poder para fora das grandes organizações;
- *U choose* – um mundo em que as pessoas estão frustradas pelas novas tecnologias e rejeitam-nas, mas encontram novas formas de recuperar o controlo da sua aprendizagem e de aumentar a sua independência das autoridades centrais.

Como o estudo das gerações da EaD também demonstra, o surgimento duma nova geração pedagógica não causa a extinção da anterior; pelo contrário, elas coexistem, ampliando-se e expandindo-se através das novas possibilidades conferidas pela tecnologia (Anderson & Dron, 2011). As tecnologias evoluem através dum processo de construção e recombinação. Cada inovação suporta-se na anterior e abre, por sua vez, novas possibilidades de inovação, bem como constrangimentos, limitações e ameaças. É portanto expectável que todos os Cenários de Edimburgo persistam e originem novas formas de aprendizagem digital, algumas delas já em processo de criação e crescimento atual. Nenhum cenário irá dominar sobre os outros, pois todos encontrarão os

seus nichos. As fronteiras também se esbatem, pois embora as instituições mantenham a tendência de centralização em *Learning Management Systems* (LMS), tanto os estudantes como os professores usam cada vez mais redes pessoais de aprendizagem suportadas por redes sociais e entrecruzadas por plataformas de aprendizagem informal e não formal. A diversidade será a característica mais saliente do futuro das pedagogias e da organização da EaD.

Por outro lado, a replicação das formas de controlo docente dos modelos pedagógicos presenciais no eLearning, através das plataformas LMS e das atividades de avaliação, passam por desafios de conceção e desenho de práticas que permitam recuperar a motivação perdida pela perceção de falta de controlo do processo e alienação do interesse dos participantes. Diversas experiências levadas a cabo, por exemplo em MOOCs, revelam a fraqueza inerente da tendência. Mesmo com estudantes maduros, competentes e qualificados, quando se retiram o controlo, a certificação e a acreditação dos cursos online baseados em pedagogias presenciais, estas demonstram a sua falta de valor evidente nas reduzidas taxas de sucesso e finalização dos participantes.

2. AS TECNOLOGIAS EMERGENTES NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A EaD pode (e deve) ser uma dança coreografada e orquestrada cuidadosamente entre a tecnologia e a pedagogia (Anderson, 2009). Em termos de tecnologia, identificam-se já diversas iniciativas que irão abrir grandes possibilidades para o futuro. O “*Next Generation Digital Learning Environment*” da EduCause (Brown, Dehoney & Millichap, 2015) e o “*Learning and Performance Support System*” em desenvolvimento pelo National Research Council of Canada (Fournier & Molyneaux, 2015), são exemplos bem reais da tendência de foco na individualização e personalização da aprendizagem altamente sustentada na rede. Esta tendência alinha-se com a relevância crescente e há muito anunciada (Attwell, 2007) da concretização dos ambientes pessoais de aprendizagem ou personal learning environments (PLEs). Muitos avanços tecnológicos irão permitir esta inovação pedagógica, salientando-se os seguintes (Dron & Anderson, 2016):

- análise de dados da aprendizagem e dos fluxos de informação através de *hipermedia* adaptativas e personalizáveis;
- tecnologias coletivas (filtros colaborativos, etiquetas e rótulos semi-automatizados e personalizados, sistemas de reputação, algoritmos de pesquisa e de mineração da rede, etc.) que possibilitam a comunicação de muitos para um e que tornarão a multidão uma docência efetiva;
- aprendizagem profunda e inteligência artificial irão possibilitar sistemas de tutoria inteligente e já oferecem ajuda contextual e tradução automática;
- ferramentas e serviços desagregados, compatíveis e interoperáveis, irão ultrapassar os LMS monolíticos e facilitam já a recolha e agregação de provas digitais de atividades de aprendizagem que permitirão a emergência de sistemas de acreditação de competências distribuídas em rede;
- mobilidade e diversidade de dispositivos, que irão permitir a mudança de paradigma para uma aprendizagem incorporada na realidade diária e independente do tempo e do espaço;

AMEAÇAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCAÇÃO ABERTA NA REVOLUÇÃO DIGITAL

- Internet das Coisas e computação ubiqüitária irão permitir uma interação crescente entre as pessoas e os objetos;
- realidade virtual e aumentada e impressão 3D irão fundir cada vez mais o real com o virtual, criando cenários de aprendizagem de elevada autenticidade e imbuindo cada vez mais o ensino com experiências genuínas, envolventes e inspiradoras.

A análise de dados, as tecnologias coletivas e a inteligência artificial irão facilitar a delegação de muitos processos docentes a agentes computacionais, possibilitando escalar e massificar a oferta educativa sem compromisso de qualidade. A desagregação vai de encontro a duas tendências sobreponíveis, de flexibilização e aumento do controlo do processo educativo ao estudante (Dron & Anderson, 2016). Esta abertura irá ampliar as ofertas educativas para além das fronteiras institucionais tradicionais e permitirá a customização dos ambientes de aprendizagem. A mobilidade e a diversidade dos dispositivos com imersão e sobreposição da Web na realidade física suportam-se nas tendências referidas anteriormente, mas expandem ainda mais as possibilidades do eLearning sair das salas de aulas, libertando-o dos computadores pessoais e das secretárias. Estas tecnologias permitirão finalmente incorporar o eLearning no mundo real, no fluxo do cotidiano de todas as pessoas, em qualquer lado e a qualquer momento. Esta tendência representa a extinção de vários aspetos do controlo da aprendizagem pelo professor tradicional, exigindo a criação de pedagogias que reconheçam o novo paradigma de incorporação profunda, sem separação entre a vida e a educação.

3. A NOVA GERAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO DIGITAL

Neste contexto tecnológico, Dron e Anderson (2014) apelidam a nova geração pedagógica de “geração holística”, não só pela integração das gerações pedagógicas anteriores, mas também pela integração profunda da pedagogia em todos os aspetos da vida dos estudantes. Esta nova geração de pedagogias e métodos de ensino e aprendizagem irá sem dúvida focar-se preponderantemente na individualidade do estudante, e as redes sociais serão os meios centrais do processo de personalização. A integração de redes sociais nas estruturas institucionais de educação permitirá a criação de percursos académicos individualizados e altamente adaptáveis às necessidades de cada estudante. Mantendo a estrutura clara dos objetivos de aprendizagem fornecida pelos currículos e supervisão institucionais e aliando-a a novas formas de partilha do controlo do processo educativo e da co-criação de experiências de aprendizagem, será possível aumentar a qualidade e a eficiência do ensino e ao mesmo tempo influenciar positivamente a motivação dos estudantes.

Esta transição exige um grande esforço de investigação e desenvolvimento para o desenho de métodos pedagógicos. À medida que a análise de dados se torna uma ferramenta cada vez mais poderosa no ensino, a criação de métodos pedagógicos irá muitas vezes emergir dos dados recolhidos e não apenas de desenhos suportados por teorias definidas *a priori*. É altamente

possível que a nova geração de pedagogias seja descoberta, em vez de inventada (Dron & Anderson, 2016).

Mas a transição também exige investigação e desenvolvimento de políticas para a criação de ferramentas informáticas educacionais que agreguem as atividades de aprendizagem distribuídas na rede e validem a certificação da educação combinada com as plataformas institucionais fechadas. A desagregação irá levar a uma redefinição do papel do professor, já que este perderá algum controlo, tornando-se um provedor de serviços. Dependendo do contexto e da fase do processo de ensino, o professor poderá ter valências da orquestração direta, mas as suas funções de modelo, guia e suporte da aprendizagem irão ganhar relevo. A desagregação irá também criar desafios relacionados com a granularidade e acreditação dos cursos, à medida que a estrutura organizacional das instituições se flexibiliza para permitir os percursos académicos personalizados.

4. AMEAÇAS DA REVOLUÇÃO DIGITAL PARA A EDUCAÇÃO ABERTA

À medida que surgem grandes oportunidades tecnológicas para a expansão e equidade do ensino num modelo de abertura, crescem também as ameaças que expõem as fraquezas do modelo das universidades abertas, como se resume na tabela 1. As universidades abertas encontram-se face a um paradoxo entre o mercantilismo do ensino privado e as pressões do *surveillance capitalism* por um lado, e o esforço de aumento da abertura da ciência e da educação públicas por outro (Anderson, 2019; Dron & Anderson, 2016). Esta luta irá continuar, entre os agentes que procuram o lucro na educação digital a qualquer custo e as pessoas e instituições que consideram o conhecimento como um bem social que ganha valor à medida que é distribuído de forma aberta.

O espírito de inovação que definiu a génese das Universidades Abertas está a perder-se com o passar do tempo, à medida que as instituições crescem e se estabelecem. A erosão da vantagem do *first mover* está a acontecer, face à mudança digital (Tait, 2019). A maioria das universidades tradicionais já aceitam combinação do modelo presencial com formatos de estudo independente assente em e-learning e oferecem programas *blended*. O setor privado também aderiu em massa a estas modalidades. Elas têm sido aplicadas de forma irresponsável por pessoas sem competências em EaD e têm havido vários casos de má aplicação e má prática destas modalidades, que lhes retirou credibilidade aos olhos da sociedade. O desafio das universidades abertas é a manutenção da sua identidade de inovadores da educação superior. A generalização dos MOOCs à revelia das universidades abertas é emblemático e representa uma grande ameaça. Há muitas críticas aos MOOCs, mas eles agitaram o mundo, de forma inegável e incontornável. Não foram as universidades abertas a originar este fenómeno e houve uma reação algo snob de orgulho ferido, por estas se terem sentido ultrapassadas na sua missão de inovar e inventar novas formas de educar. Após o período inicial, as universidades abertas aceitaram e até de certa forma abraçaram os MOOCs, tendo-lhes corrigido algumas falhas e ajustado a trajetória com melhorias qualitativas.

Em termos de escala, existem atualmente várias mega-universidades e IES de EaD que não são abertas. O cenário atual é complexo. Algumas universidades

AMEAÇAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCAÇÃO ABERTA NA REVOLUÇÃO DIGITAL

abertas mantêm-se sem concorrência, por mandato governamental que as define como monopolistas do ensino a distância (p.ex.: Indonésia). Contudo na maioria dos países este não é o caso, e muitas universidades abertas têm muita dificuldade em garantir o seu futuro na era digital, com grandes dificuldades na transição a partir da segunda geração de EaD.

Em termos de REA, a maioria das universidades abertas ainda persistem na retórica. São melhores defensoras do que utilizadoras, na medida em que são mais eficazes a promover o uso dos seus REA do que a incorporar os de terceiros nas suas práticas.

No cenário atual, várias universidades abertas registam desinvestimento, decréscimo de estudantes, perda de centros regionais e desinteresse político, mas ainda assim persiste muita resistência à mudança na academia.

5. DESAFIOS, OPORTUNIDADES E ESTRATÉGIAS PARA O FUTURO

A revolução digital trouxe mudanças a todos os campos, incluindo a educação. Atualmente ela é ubiqüitária, como é evidente pela presença de LMSs em todas as universidades. Então o que diferencia as universidades abertas? Como mantê-las na liderança da educação? As Universidades Abertas necessitam de reformular as suas políticas e estratégias de inovação para poderem continuar ativas e relevantes na sua missão de educar o mundo de forma justa e acessível. É necessário repensar a inovação. As universidades abertas deveriam ser instituições de *embedded innovation* (Tait, 2019), onde a inovação constante e contínua está incorporada na cultura de gestão, planeamento estratégico e de práticas educativas. No início, as universidades abertas compreenderam que os modelos de ensino e aprendizagem tradicionais eram desadequados para a sua missão, e inovaram, tanto nas tecnologias empregues como na construção e desenvolvimento de teorias e práticas pedagógicas. Contudo, face às ameaças, é necessário reinventar as universidades abertas. Elas não podem manter-se no modelo de há 30 anos, e para esta mudança, é necessário colocar a inovação no centro da sua cultura institucional. O desafio das universidades abertas é garantir que estas deixem de ser complacentes e recuperam o estatuto das instituições mais inovadoras na forma de combinar tecnologias para encontrar novas soluções. É necessário desenvolver liderança a todos os níveis, e a nível internacional é necessário cultivar a liderança distribuída (Tait, 2018). É também necessário desenvolver a formação profissional dos docentes. É necessária uma maior atenção ao ambiente envolvente, para deteção precoce das mudanças e planeamento estratégico. É necessário definir desenvolvimento e qualidade de novas formas e dominar a agenda de qualidade do ensino superior, pois a qualidade tem sido definida com base em critérios simplistas, antiquados, incompletos e assimétricos que não dão relevo ao papel importantíssimo e às capacidades das universidades abertas, que têm o referencial de qualidade apontado à inclusão, à aprendizagem ao longo da vida e à sustentabilidade.

É necessário desenvolver o potencial das TIC e incorporá-las a todos os níveis da instituição. Uma das formas de inovar a este nível que já se encontra em curso nas universidades abertas passa pela criação de ambientes pessoais de

aprendizagem mais evoluídos, que integram os LMS tradicionais com redes sociais. As redes sociais são fonte de enorme inovação. Os resultados de investigação recente sobre a sua utilização no campo da educação são encorajadores (Anderson, 2017). Nos últimos 15 anos, vários professores e várias instituições têm usado as redes sociais para amplificar os seus LMSs no processo de aprendizagem, sendo já possível identificar vários benefícios: notificações atempadas; aumento da presença social; aumento da integração académica no mundo real; efeitos de rede e conversas de fundo; aumento da persistência, da satisfação e da perceção de aprendizagem. A utilização das redes sociais tem o potencial para alcançar o objetivo de integrar a escola na vida real dos alunos e dos professores, que se estende naturalmente para a sociedade envolvente e se alinha com a filosofia e a missão das universidades abertas. No panorama atual de incorporação acelerada mas muitas vezes desestruturada das novas tecnologias no ensino, as universidades abertas têm também a oportunidade de se manterem na liderança da inovação e da investigação para o desenvolvimento de pedagogias, práticas e políticas que sustentem e orientem a aprendizagem social (Anderson, 2019).

Face à capacidade de investimento das grandes empresas, que poderão tirar facilmente partido dos serviços comerciais de cloud e big data, aliadas às ferramentas de proteção de propriedade autoral mais agressivas, as Universidades Abertas precisam de inovar também na forma como se posicionam na sociedade e na forma como se relacionam com as outras Instituições de Ensino Superior. Com o aumento sustentado das propinas no Ensino Superior surge a grave ameaça da inacessibilidade a oportunidades de formação de qualidade a grande parte da população mundial. A desagregação e a autonomização granular dos sistemas de de educação online podem ser estratégias eficazes de reduzir custos mantendo a qualidade do ensino (Anderson & McGreal, 2012; Teixeira, Bates & Mota, 2019). Com a nova infraestrutura política de suporte definida a partir do projeto OpenEdu, concebe-se a Educação Aberta nas IES em dez dimensões, incluindo os recursos educacionais e os repositórios de acesso livre num conceito mais amplo de modernização da educação potenciada pelas tecnologias digitais (Santos, Punie & Muñoz, 2016, p. 5). O objetivo é remover barreiras, promover a transparência para a partilha de práticas que permitam alargar o acesso e a participação a todos, tornando a aprendizagem acessível, abundante e customizável. Neste contexto de aumento de abertura, implementação de práticas de partilha e organização de trabalho colaborativo e em rede, as universidades abertas, graças ao seu profundo conhecimento técnico, potencial humano e cultura de práticas abertas, têm a oportunidade de desempenhar um papel de força motriz da mudança. Este papel pode ser desempenhado de diversas formas, nomeadamente como líderes na adoção de práticas, na definição de políticas e na formação e educação dos agentes científicos (Pontika, Knoth, Cancellieri & Pearce, 2015). No entanto, para poderem aproveitar estas oportunidades, as universidades dedicadas à educação a distância necessitam de se transformar e adotar uma nova abordagem organizacional, como organizações de aprendizagem estruturadas em redes abertas (Teixeira, Bates & Mota, 2019).

No contexto de competição pela atenção dos estudantes, os recursos educacionais mais dinâmicos, passíveis de serem modificados, adaptados e

AMEAÇAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCAÇÃO ABERTA NA REVOLUÇÃO DIGITAL

partilhados livremente, têm uma grande vantagem sobre os recursos fechados. Contudo, estas práticas têm adoção insuficiente, e ainda persiste um desconhecimento generalizado destes conceitos nas IES (Cardoso, Morgado & Teixeira, 2019). As universidades abertas, como líderes das políticas, PEA e REA, têm aqui uma ampla vantagem competitiva, especialmente neste momento de convergência dos movimentos de Educação Aberta e Ciência Aberta, de servirem como referenciais dos princípios de transparência, colaboração e abertura do conhecimento. As universidades abertas têm de encarar esta tremenda oportunidade como uma das suas prioridades, considerando que os REA são pedagogias e tecnologias disruptivas (Anderson & McGreal, 2012) que se alinham diretamente com a missão de equidade e acessibilidade na educação.

Tabela 1: Análise SWOT para as Universidades Abertas

Forças <ul style="list-style-type: none">• Dedicação à abertura, à flexibilidade e à acessibilidade;• Igualdade de género no recrutamento;• Dedicação à aprendizagem potenciada pela tecnologia (TEL).	Oportunidades <ul style="list-style-type: none">• Alinhamento das Metas do Desenvolvimento Sustentável da ONU para 2030 com a expansão global do Ensino Superior;• Restabelecimento e redefinição do conceito de Qualidade nos sistemas de Educação Superior em massa;• Liderar o desenvolvimento de planos de estudos para a sustentabilidade.
Fraquezas <ul style="list-style-type: none">• Taxas de Conclusão e Formatura;• Reputação e Marca;• Abrandamento da capacidade de inovação pela resistência dos quadros humanos à mudança.	Ameaças <ul style="list-style-type: none">• Desinteresse governamental pelos modelos das Universidades Abertas;• Interesse de outras universidades na aprendizagem digital (p.ex.: MOOCs);• Novas ofertas de ensino misto e a tempo parcial de universidades estabelecidas;• Novas universidades online;• Abertura dos mercados a agentes estrangeiros de Educação Superior.

(traduzido e adaptado de Alan Tait, conferência NextEd 2019).

CONCLUSÃO

Através da avaliação crítica destas instituições no panorama educacional global, identifica-se a necessidade de transformações profundas e iminentes. Estas transformações abrem diversos caminhos repletos de desafios e oportunidades para o fortalecimento do ensino aberto. Através dum enorme esforço de mudança, será possível manter o papel incontornável destas instituições na promoção do crescimento e da sustentabilidade do Ensino Superior.

No momento em que se encontra em discussão um projeto lei decisivo para a redefinição do papel da Universidade Aberta de Portugal , esta tem de perseguir ativamente o objetivo de se manter como líder na inovação e na qualidade, para poder continuar a definir o futuro da Educação a Distância e da aprendizagem digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

Anderson, T. (2019). *Social Media and Scholarly Research*. Comunicação apresentada na 1.ª Conferência Internacional de Investigação em Educação Aberta, a Distância e em Rede, 27 Fevereiro, Lisboa. Disponível em <https://www.slideshare.net/terrya/social-media-and-scholarly-research>

Anderson, T., & Dron, J. (2017). Integrating learning management and social networking systems. *Italian Journal of Educational Technology*, 25(3), 5-19. Disponível em <https://ijet.itd.cnr.it/article/view/950>

Anderson, T. (2009). The dance of technology and pedagogy in self-paced distance education. Comunicação apresentada no 17º ICDE World Congress, Maastricht. Disponível em <https://auspace.athabascau.ca/handle/2149/2210>

Anderson, T., & Dron, J. (2014). *Teaching Crowds: Learning and Social Media*. Edmonton, Canadá: Athabasca University Press. Disponível em <http://www.aupress.ca/index.php/books/120235>

Anderson, T., & Dron, J. (2011). Three generations of distance education pedagogy. *The International Review of Research in Open and Distributed Learning*, 12(3), 80-97. Disponível em <https://doi.org/10.19173/irrodl.v12i3.890>

Anderson, T., & McGreal, R. (2012). Disruptive Pedagogies and Technologies in Universities. *Educational Technology & Society*, 15(4), 380–389. Disponível em <https://auspace.athabascau.ca/bitstream/handle/2149/3469/Disruptive%20Pedagogies.pdf?sequence=3&isAllowed=y>

AMEAÇAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCAÇÃO ABERTA NA REVOLUÇÃO DIGITAL

Attwell, G. (2007). Personal learning environments: The future of eLearning?. *eLearning Papers*, 2(1), 1–7. Disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.97.3011&rep=rep1&type=pdf>

Bell, M.; Martin, G. & Clarke, T. (2004). Engaging in the future of e-learning: a scenarios-based approach. *Education + Training* 46(6/7), pp.296-307. Disponível em <https://doi.org/10.1108/00400910410555204>

Brown, M.; Dehoney, J. & Millichap, N. (2015). The Next Generation Digital Learning Environment - A Report on Research. *EDUCAUSE Learning Initiative*, EDUCAUSE. Disponível em <https://library.educause.edu/~media/files/library/2015/4/eli3035-pdf.pdf>

Cardoso, P., Morgado, L. & Teixeira, A. (2019). Open Practices in Public Higher Education in Portugal: faculty perspectives. *Open Praxis*, 11(1), pp. 55–70. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5944/openpraxis.11.1.823>

Dron, J. & Anderson, T. (2016) The Future of E-learning. In Haythornthwaite, C.; Andrews, R.; Fransman, J. & Meyers, E. (Eds.), *The SAGE Handbook of E-learning Research Second Edition*. Sage. Disponível em <https://auspace.athabascau.ca/handle/2149/3542>

Fournier, H. & Molyneaux, H. (2015). Learning and performance support systems: personal learning record. *Information and Communication Technologies User Studies White Paper*. National Research Council Canada. Disponível em <https://doi.org/10.4224/21275411>

Garrison, D. R., Anderson, T., & Archer, W. (2000). Critical inquiry in a text-based environment: Computer conferencing in higher education model. *The Internet and Higher Education*, 2(2-3), 87-105. Disponível em http://cde.athabascau.ca/coi_site/documents/Garrison Anderson Archer Critical Inquiry model.pdf

Pereira, A., Quintas-Mendes, A., Morgado, L., Amante, L. e Bidarra, J. (2007). *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta: para uma universidade do futuro*. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1295/1/Modelo%20Pedagogico%20Virtual.pdf>

Pontika, N.; Knoth, P.; Cancellieri, M. & Pearce, S. (2015). *Fostering Open Science to Research using a Taxonomy and an eLearning Portal*. Em: iKnow: 15th International Conference on Knowledge Technologies and Data Driven Business. Graz. Disponível em http://oro.open.ac.uk/44719/2/kmi_foster_iknow.pdf

Santos, A.; Punie, Y. & Muñoz, J. (2016). Opening up Education – A Support Framework for Higher Education Institutions. *European Commission Joint Research Centre Science for Policy Report*. Bruxelas. Disponível em <http://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/bitstream/JRC101436/jrc101436.pdf>

Tait, A. (2018). Open Universities: the next phase. *Asian Association of Open Universities Journal* 13(1), pp.13-23. Disponível em <https://doi.org/10.1108/AAOUJ-12-2017-0040>

Tait, A. (2019). *Open Universities: A Technology For The 21st Century?*. Comunicação apresentada na 1.^a Conferência Internacional de Investigação em Educação Aberta, a Distância e em Rede, 27 Fevereiro, Lisboa.

Teixeira, A. (2012). Desconstruindo a universidade: Modelos universitários emergentes mais abertos, flexíveis e sustentáveis. *RED. Revista de Educación a Distancia*, (32), 1-13. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=54724591005>

Teixeira, A., Bates, T., & Mota, J. (2019). What future(s) for distance education universities? Towards an open network-based approach. *RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia*, 22(1),107-126. Disponível em <http://revistas.uned.es/index.php/ried/article/view/22288/18655>